



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 22 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliaemdia.com.br

O BRASIL QUE EMERGE TRAZ CONSIGO UMA NOVA ESTÉTICA E ABRE ESPAÇO PARA UMA CULTURA FORA DOS CÂNONES.

A ALAVANCA DESTA NOVA LINGUAGEM ESTÁ NO RAP, NO FUNK E NO TECNOBREGA.

"(...) A PERIFERIA DO BRASIL CANSOU DE ESPERAR O SEU LUGAR AO SOL E TOMOU PARA SI O DIREITO DE DIZER E FAZER O QUE QUER, DO JEITO QUE PODE, SABE E GOSTA".

"(...) A CULTURA DA PERIFERIA COMEÇA, POUCO A POUCO, A DEIXAR DE SER VISTA COMO UMA TRIBO EXÓTICA".



Fontes: Israel do Vale, Jotabê Medeiros, Paula de Almeida Prado, Marcus Preto, Leonardo Chicote, in: revista Cult # 183, setembro de 2013.

PERIFERIA O Brasil que emerge traz consigo uma nova estética e abre espaço para uma cultura fora dos cânones. A alavanca desta nova linguagem está no rap, no funk e no tecnobrega, estilos musicais carregados de uma poética existencial nascida nas periferias. Uma estética que ocupa, cada vez mais, as pautas dos cadernos de cultura dos jornais e revistas e aguçava a curiosidade dos estudiosos. A revista Cult dedicou sua edição 183 a este fenômeno que, dia a dia, reafirma sua identidade e amplia seu público. Para conhecer melhor a linguagem da periferia, transcrevo abaixo trechos desse dossiê que a Cult preparou.

CRIOLO Entre os heróis desta resistência está o compositor Kleber Cavalcanti Gomes, o Criolo. Aos 38 anos e duas décadas dedicadas ao rap, Criolo carrega consigo uma visão de mundo que abre espaço para uma nova percepção das coisas ao redor. Ele entende que antes uma pessoa falava e as outras seguiam, agora, todo mundo está falando. Em entrevista para Marcus Preto, Criolo diz que "(...) é preciso entender que, de uma forma ou de outra, todos se movimentam e só isso já é fato para entrar nos livros de história".

AFINIDADE Sobre as manifestações de junho, Criolo fala que "(...) as canções e os poemas viram mero detalhe quando você vê o jovem indo para a rua. Ele é a canção, a poesia, a força de um país (...) não subestime a nossa juventude, não rotule a nossa juventude. Porque a juventude é livre, despida de determinados protocolos. E as pessoas se conhecem e se conectam por afinidade".

AUTORIDADE Num depoimento forte e verdadeiro, Criolo conta a sua história: "(...) Sou filho de benzedeira que, com 50 anos de idade, se formou em Filosofia. E eu digo que ela é filósofa não por diploma (...) ela é filósofa porque sabe viver a vida (...) Cresci em um ambiente extremamente hostil, no extremo sul da Zona Sul da cidade de São Paulo. Vi gente morrer de morte matada. Vi amigos me estenderem a mão em um pronto-socorro e eu sabendo que ele ia morrer. Precisei de hospital público e não tive. Senti dor, passei fome. Mas lhe digo isso para implorar às nossas autoridades que não deixem isso acontecer".

LUGAR AO SOL Segundo o jornalista Israel do Vale, "(...) a periferia do Brasil cansou de esperar o seu lugar ao sol. E tomou para si o direito de dizer e fazer o que quer, do jeito que pode, sabe e gosta". Para a crítica literária Heloísa Buarque de Holanda, "(...) a cultura da periferia começa, pouco a pouco, a deixar de ser vista como "uma tribo exótica".

HIP HOP Ao longo dos últimos 25 anos, o hip hop nacional tornou-se a representação da denúncia. O rap veio ocupando o vácuo deixado pela antiga MPB de Chico, Gil, Caetano, Gonzaguinha, Bethânia, que durante décadas fez frente às demandas políticas e intelectuais do país. Nesse tempo, o hip hop descobriu um novo ponto de observação da realidade. Trocou a segregação pela absorção; o preconceito pela abertura.

TRÊS TEMPOS Para o jornalista Jotabê Medeiros, os primeiros passos do hip hop nacional aconteceram nos final dos anos 1980, em São Paulo, através de iniciativas heroicas e marginalizadas. O segundo momento buscou um nicho de mercado e foi representado por Planet Hemp e MV Bill. A fase três surge com a busca de diálogos artísticos e geracionais.

MANO BROWN Jotabê lembra que o hip hop, sustentado pela palavra, pela oralidade e pela poesia, precisava reciclar seu discurso impregnado de um "sistema macho-vítima-racial-periferia-gueto". Segundo ele, foi Mano Brown quem chamou a atenção para a necessidade de mudança, quando disse: "(...) as ideias têm que evoluir (...) eu preciso fazer música nova (...) senão eu vou ter que tirar o time de campo, se eu ficar repetindo as mesmas ideias 25, 30 anos, morou?"

MESCLA Aos poucos, o hip hop introduziu uma nova linguagem, mas também mudou a elaboração intelectual, menos metafórica, mais direta e menos purista e assumiu filhos bastardos como Charlie Brown Jr. A versão multifacetada do hip hop coube a Criolo, que mesclou afrobeat, soul, samba, reggae e até bolero, abrindo as fronteiras classistas.

FUNK No Rio de Janeiro, o funk carioca, instituído pelo DJ Marlboro, nasceu sob a influência da banda alemã Kraftwerk e das possibilidades musicais de uma bateria eletrônica, com letras que reafirmavam uma sensibilidade própria de periferia. Passadas duas décadas, especialistas dizem que o funk construiu um repertório de ritmos, timbres e convenções originais. As letras, inicialmente apoiadas no humor, evoluíram para crônicas urbanas com a mesma força do samba.

TECNOBREGA Na visão de Israel Vale, "(...) o Pará, celeiro de uma produção musical com forte influência do Caribe e manifestações regionais como carimbó, a guitarrada e o sirimbó, fez surgir o tecnobrega, reflexo de um tempo de expansão do saber que espelha uma era do fazer fazendo". O jornalista entende que o protagonismo das classes C, D e E desponta como resposta a um desejo de ter um lugar ao sol. Ele entende que "(...) a periferia tomou para si o direito de dizer e fazer o que quer, do jeito que pode, sabe e gosta". É o que ele chama de "emergência do pobre-star".